

***Gusta me mucho*: enunciados des/reterritorializados e a concepção de língua**

Fernando Zolin-Vesz

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: Neste artigo, tem-se por objetivo introduzir o conceito de enunciado des/reterritorializado, pautando-se tanto no conceito foucaultiano de enunciado quanto na acepção deleuze-guattariana de des/reterritorialização. Por meio da análise do enunciado *gusta me mucho*, encontrado na placa de publicidade de um estabelecimento comercial, aborda-se como o referido enunciado pode suscitar uma concepção de língua edificada na multiplicidade de territorialidades pelas quais transitamos, desestabilizando aquelas consideradas contíguas pelo paradigma monolíngue, as quais têm feito ressoar sua rigidez e sua fixidez em nossa compreensão sobre práticas linguísticas.

Palavras-chave: enunciado des/reterritorializado; paradigma monolíngue; concepção de língua.

Title: *Gusta me mucho*: de-/reterritorialized statements and the concept of language

Abstract: This paper aims to introduce the concept of de-/reterritorialized statement, based on Foucault's notion of statement as well as on Deleuze and Guattari's concept of de-/reterritorialization. By means of an analysis of the statement *gusta me mucho*, seen on a shop sign, it focuses on the way this statement may evoke a concept of language grounded on the multiple territorialities that surround us, and thus destabilizes those contiguous ones to the monolingual paradigm whose

rigidity and inflexibility have guided our understanding of linguistic practices.

Keywords: de-/reterritorialized statement; monolingual paradigm; language concept.

Introdução

Comumente engendrados no paradigma monolíngue, nossa compreensão acerca de qualquer prática linguística, que destoe de suas fixas, rígidas e hierárquicas normas, tem sido considerada invariavelmente como inaceitável. Toda a discussão, em 2011, criada pela mídia em relação à abordagem das variedades linguísticas do português brasileiro no livro didático *Por uma vida melhor*, distribuído pelo Ministério da Educação, pode servir de exemplo (GRIGOLETTO, 2012; BARONAS; COX, 2013). Esse panorama se configura devido à concepção de língua que ainda hoje parece imperar: língua é entendida como uma entidade singular, um sistema essencialmente fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico, que possui uma língua comum, uma língua-padrão.

Entretanto, a multiplicidade linguística que parece configurar a contemporaneidade, traduzida na crescente mobilidade de línguas e textos – não mais confinados a territorialidades pré-definidas –, tem nos possibilitado, como observa Haesbaert (2007; 2013; 2014), viver em um mundo com diversidade maior e facilidades múltiplas de acesso e de trânsito por territorialidades diversas. Nesse cenário, encontramos enunciados que sugerem toda essa multiplicidade de territorialidades pelas quais transitamos, compondo o que denomino neste artigo de enunciados des/reterritorializados. Embora reconheça a globalização como gatilho para a consolidação desse panorama, em especial nas últimas décadas, desencadeando fenômenos linguísticos tais como *transidiomatic practice* (JACQUEMET, 2005), *transglossia* (COX; ASSIS-PETERSON, 2006; ASSIS-PETERSON, 2008), *translanguaging* (GARCÍA; SYNVAL, 2011; GARCÍA;

FLORES; WOODLEY, 2012) e *translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013), entre outros, neste artigo opto pela discussão sobre des/reterritorialização (de línguas), em virtude da aproximação que proponho com o conceito de enunciado, possibilitando, assim, infinitos arranjos analíticos – não apenas aqueles vinculados à concepção de língua –, já explorados em trabalho anterior (ZOLIN-VESZ, 2015), sobre a presença árabe na cidade de Cuiabá.

Por enunciados des/reterritorializados, portanto, entendem-se as construções (linguístico-culturais) que sugerem transitoriedade múltipla e maior por territorialidades, estimulando desestabilizações em relação ao sentido e ao valor de verdade que compõem determinadas territorialidades. Tomemos a imagem abaixo: a placa de publicidade da paletaria *Gusta me mucho*, localizada em uma pequena cidade do interior do Estado de Mato Grosso. Na seara de um mundo que nos possibilita acessar e vivenciar territorialidades múltiplas, enunciados (des/reterritorializados) são produzidos, colaborando para a compreensão da multiplicidade linguística a que ora me refiro.



Figura 1: Foto da placa de publicidade.

Fonte: Acervo do autor
(15 ago 2015)

Nessa perspectiva, analisar enunciados como *gusta me mucho* pode contribuir para tornar moveções territorialidades monocêntricas que compõem o sentido e o valor de verdade relacionados ao paradigma monolíngue, aludindo tanto à relação língua (nacional)-território quanto à gramática normativa como única prática linguística legítima. Assim, para além de um sistema fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico, língua passa a ser entendida sob a égide da multiplicidade de territorialidades pelas quais transitamos, constituindo, a todo instante, des/reterritorializações.

Neste artigo, busco introduzir, dessa forma, o conceito de enunciado des/reterritorializado, por meio da análise do enunciado *gusta me mucho*, com o intuito de trazer à baila discussão sobre como pode suscitar uma efigie de concepção de língua edificada em um mundo que nos proporciona facilidade maior de trânsito por territorialidades. Para isso, primeiramente expando o conceito de enunciado des/reterritorializado, pautando-me tanto no conceito foucaultiano de enunciado quanto na aceção deleuze-guattariana de des/reterritorialização (e seus desdobramentos). Em seguida, analiso o supracitado enunciado, trazendo a lume as des/reterritorializações que parece promover e, de conseguinte, as desestabilizações em relação ao sentido e ao valor de verdade que caracterizam determinadas territorialidades vinculadas ao paradigma monolíngue.

O conceito de enunciado des/reterritorializado

A construção de um conceito de enunciado des/reterritorializado envolve, primeiramente, discussão sobre a concepção filosófica de des/reterritorialização, cunhada por Deleuze e Guattari (2010), que oferece uma visão alternativa à compreensão da subjetividade inserida em confinamentos territoriais. O uso do termo implica elucidar, portanto, a noção de território (e seus desdobramentos) a que os autores se referem. Na visão deleuze-guattariana de território, tudo está envolvido no movimento de desterritorialização e reterritorialização: não se trata de um objeto, mas de uma relação, ou seja, o próprio movimento

dedesterritorializar e reterritorializar para, em seguida, desterritorializar e reterritorializar sempre mais (HAESBAERT, 2014).

Nessa perspectiva, Haesbaert (2013) traz à baila o termo territorialidade como um campo de significações territoriais sem existir necessariamente um território (concreto, físico) correspondente a esse campo. Essa acepção, como bem observa Haesbaert (2007), destrona a supremacia da concepção de território vinculada à ideia de Estado-Nação, ou seja, moldada pela continuidade e pela fixidez, em que diferentes grupos sociais, e suas práticas culturais, linguísticas e identitárias, são homogeneizados em um determinado território nacional, reforçando, assim, os critérios de inclusão e exclusão, dentro e fora. Entretanto, mesmo essa acepção de território nacional sendo posta em questão, devido, principalmente, ao traspasse de suas fronteiras territoriais, isso não quer dizer, como ressalva Haesbaert (2014), que essas formas de território estejam ausentes. Ao contrário, constituem complexos amálgamas de organização territorial.

Assim, a possibilidade de acessar e vivenciar, concomitante e/ou consecutivamente, diversos territórios, no sentido de acionar diferentes territorialidades, tem possibilitado o surgimento de enunciados que contribuem para a dissolução da contiguidade entre territorialidades e práticas culturais, linguísticas e identitárias. São esses enunciados que denomino, neste artigo, como des/reterritorializados: além de sugerirem facilidade maior e múltipla de trânsito por territorialidades diversas, estimulam, a um só tempo, desestabilizações em relação a determinadas territorialidades consideradas “naturalmente” contíguas. No caso do enunciado des/reterritorializado *gusta me mucho*, alude àquelas territorialidades que compõem o sentido e o valor de verdade relacionados à concepção de língua fundada no/pelo paradigma monolíngue.

Para esta discussão, portanto, o conceito foucaultiano de enunciado se torna central. Na perspectiva discursiva do autor, enunciado não é uma unidade, enquanto estrutura. Trata-se de uma função, que atravessa estruturas e unidades possíveis linguisticamente – uma frase, uma proposição ou um ato de linguagem, como propõe Foucault (2008) – e faz

com que lhes atribuamos (ou não) um sentido e/ou um valor de verdade. É dessa forma que podemos dizer, por exemplo, se a frase é aceitável ou interpretável, ou se a proposição é legítima, uma vez que o que está em jogo é o sentido e o valor de verdade dos enunciados.

Assim sendo, como uma função que perpassa frases, proposições e atos de linguagem, enunciados se des/reterritorializam, transitam por territorialidades não mais contíguas, tampouco pré-definidas ou confinadas. Portanto, ao des/reterritorializarem-se, demandam diferentes territorialidades, bem como desestabilizam a fixidez, a rigidez e as hierarquias impostas por determinadas contiguidades, como aquela imputada pelo paradigma monolíngue em relação à concepção de língua. É nesse ponto que o conceito de enunciado des/reterritorializado sugere, a meu ver, a expansão do conceito de língua.

Os estudos que buscam descrever fenômenos linguísticos associados à globalização, tais como Jacquemet (2005), Cox e Assis-Peterson (2006), Assis-Peterson (2008) e Canagarajah (2013), entre outros, parecem conceber, em diversas perspectivas, a des/reterritorialização de línguas como um processo subjacente ao destronamento da supremacia da concepção de território vinculada à ideia de Estado-Nação, pluralizando as práticas linguísticas dos grupos sociais que constituem cada Estado-Nação. O conceito de enunciado des/reterritorializado reconhece esse processo, uma vez que, como observei previamente, a acepção de território nacional continua presente, mas seu propósito principal é outro: a um só tempo, traçar as territorialidades diversas pelas quais os enunciados transitam em sua composição para instigar desestabilizações em relação ao sentido e ao valor de verdade das contiguidades dessas territorialidades.

Inserido nessa perspectiva teórica, portanto, passo a analisar o enunciado (des/reterritorializado) *gusta me mucho*, retirado da placa de publicidade da paletteria.

***Gusta me mucho*: um enunciado des/reterritorializado**

Dentro do enquadre interpretativo que proponho desenvolver, o enunciado *gusta me mucho*, que constitui o nome do estabelecimento comercial, transita por diferentes territorialidades, ao menos em dois movimentos de des/reterritorialização – aqui diferenciados apenas por razão metodológica –, contribuindo para desestabilizar aquelas territorialidades consideradas “naturalmente” contíguas ao paradigma monolíngue.

A primeira territorialidade desestabilizada alude à relação língua (nacional) e Estado-Nação, uma vez que não coincide com o projeto de fazer uma língua corresponder unicamente aos limites geográficos de um território nacional. Dessa forma, *gusta me mucho* parece contribuir para a liquefação do valor de verdade que edifica a equivalência entre língua e território, alicerce do paradigma monolíngue: grupos sociais diversos, e suas múltiplas práticas linguísticas, são homogeneizados em um determinado território. Cada língua, portanto, é timbrada como a essência, o espírito de uma comunidade particular confinada em um território particular, sendo capaz de expressar naturalmente apenas os valores e pensamentos que pertencem à comunidade daquele território (CANAGARAJAH, 2013). Essa concepção também limita o círculo de línguas que podem ser usadas nas interações sociais de cada território e justifica a imposição da língua de comunidades dominantes sobre línguas e comunidades minoritárias, que dividem um mesmo território – a polêmica em torno das variedades linguísticas do português brasileiro em um livro didático, empregado na introdução deste artigo, pode ser tomada como exemplo uma vez mais.

Nessa perspectiva, *gusta me mucho* constitui enunciado des/reterritorializado na medida em que é possível encontrar elementos em língua espanhola em uma pequena cidade do interior do Estado de Mato Grosso. Nesse movimento de trânsito por territorialidades distintas, transcorre o primeiro processo de des/reterritorialização: de uma territorialidade considerada contígua pelo paradigma monolíngue, ou seja, um Estado-Nação, que possuiria o espanhol como sua língua oficial, para

uma territorialidade considerada não contígua pelo paradigma monolíngue – uma cidade do Estado de Mato Grosso, cuja língua oficial é o português.

A transição dessa territorialidade “naturalmente” contígua para uma não contígua possibilita ainda esfacelar outro valor de verdade ereto pelo paradigma monolíngue: a legitimidade e a autoridade do falante nativo para definir como a língua deve ser usada, uma vez que a habilidade de uso de línguas contíguas a outros territórios não nos é intrínseca, tornando-nos não competentes – segundo a definição tradicional de competência, ou seja, o conhecimento espontâneo e intuitivo do falante nativo sobre os traços sociais, funcionais, afetivos e contextuais da língua (FIGUEREDO, 2011).

O esfacelamento desse valor de verdade edificado pelo paradigma monolíngue parece subjazer à segunda territorialidade desestabilizada pelo enunciado *gusta me mucho*: a gramática normativa como única prática linguística legítima. Assim, *gusta me mucho* compõe um enunciado des/reterritorializado porquanto o processo de des/reterritorialização perpassa a territorialidade, apontada como naturalmente contígua pela gramática normativa, em relação à posição do pronome oblíquo *me* quando empregado em conjunto com o verbo da língua espanhola *gustar*. Seguindo os pressupostos normativo-gramaticais, a territorialidade do pronome oblíquo deve se encontrar, pré-definidamente, preposta ao verbo – *me gusta(n)*, *te gusta(n)*, etc. Contudo, no processo de des/reterritorialização, a norma gramatical transita para a territorialidade posposta ao verbo. Dessa forma, em uma pequena cidade do interior do Estado de Mato Grosso – logo, uma territorialidade considerada não contígua pelo paradigma monolíngue em relação à língua espanhola –, encontramos práticas linguísticas produzidas por falantes não nativos de espanhol, em que a autoridade do falante nativo parece ser posta à prova, em particular no emprego normativo do verbo pronominal *gustar*.

Os estudos sobre os fenômenos linguísticos produzidos pelo processo de globalização comumente enfatizam essas práticas linguísticas de falantes não nativos de determinada língua, retirando a autoridade excludente do falante nativo em estabelecer como a língua deve ser empregada (JACQUEMET, 2005; COX; ASSIS-PETERSON, 2006; ASSIS-

PETERSON, 2008; CANAGARAJAH, 2013, entre outros). O traçado, acima proposto, das territorialidades pelas quais o pronome oblíquo *me* transita, quando empregado em conjunto com o verbo da língua espanhola *gustar*, na constituição do enunciado des/reterritorializado *gusta me mucho*, parece, a meu ver, reverberar esses estudos, em particular no que se refere à desestabilização do valor de verdade sobre a não legitimidade de práticas linguísticas produzidas por falantes não nativos, uma territorialidade considerada “naturalmente” não contígua pelo paradigma monolíngue.

Portanto, ambos os processos de des/reterritorialização do enunciado *gusta me mucho* aqui descritos sugerem a dissociação, a um só tempo, da relação supostamente natural entre territorialidades pré-definidas e práticas linguísticas, bem como, de modo abrangente, da compreensão imperante de prática linguística inserida em confinamentos territoriais, quer sejam geográficos, quer normativo-gramaticais. Dessa forma, o enunciado parece contribuir para desestabilizar a fixidez, a rigidez e a hierarquia determinadas territorialidades, concebidas como naturalmente contíguas às práticas linguísticas pelo paradigma monolíngue. De conseguinte, ao transitar por territorialidades designadas como não contíguas às práticas linguísticas pelo paradigma monolíngue, o referido enunciado parece colaborar para a compreensão da multiplicidade linguística que delinea a contemporaneidade, concorrendo para tornar moveáveis aquelas territorialidades monocêntricas que aludem tanto à relação língua (nacional)-território quanto à gramática normativa como única prática linguística legítima.

Associando a des/reterritorialização de línguas ao processo de globalização ou não, o que me parece salutar é o redimensionamento da concepção de língua que ambas as vertentes parecem promover. As territorialidades impulsionadas como inerentes pelo paradigma monolíngue, que conduzem à perspectiva de que suas manifestações sociais são secundárias, reduziram a noção de língua a um produto abstrato, passivo, estático e desatrelado de outros domínios do mundo social. Entretanto, como observei anteriormente, viver em um mundo que possibilita acessar e vivenciar, concomitante e/ou consecutivamente, territorialidades diversas tornou mais visível a produção de enunciados

des/reterritorializados, que, por sua vez, desatrelam o valor de verdade das contiguidades que erigem o paradigma monolíngue. Em vez de homogeneidade e estabilidade, ambas as vertentes sugerem a concepção de língua sob a égide da heterogeneidade, da des/reterritorialização.

Ainda uma palavra, para concluir

Com o intuito de introduzir o conceito de enunciado des/reterritorializado, neste artigo analisei o enunciado *gusta me mucho*, encontrado na placa de publicidade de um estabelecimento comercial. Pautando-me tanto na concepção foucaultiana de enunciado quanto na acepção deleuze-guattariana de des/reterritorialização para a composição do conceito, a análise do referido enunciado sugere uma efígie de concepção de língua edificada pelo incessante trânsito por territorialidades consideradas, pelo paradigma monolíngue, como naturalmente não contíguas às práticas linguísticas.

Analisar essas construções linguísticas, materializadas em enunciados produzidos pelos mais diversos canais da vida social, pode contribuir, portanto, para ponderarmos o valor de verdade dos enunciados que constituem o paradigma monolíngue. Tal caminho pode nos conduzir ao redimensionamento do conceito de língua sob a égide da des/reterritorialização – o trânsito por múltiplas territorialidades, quer sejam geográficas, quer normativo-gramaticais, para o incremento da multiplicidade linguística no mundo contemporâneo. Daí por que *gusta me mucho* a introdução do conceito de enunciado des/reterritorializado.

Referências

ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 47, n. 2, p. 323-340, 2008.

BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Por uma vida melhor na mídia: discurso, aforização e polêmica. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 1, p. 65-93, 2013.

CANAGARAJAH, S. *Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations*. Londres: Routledge, 2013.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. The notion of transglossia and the phenomenon of linguistic mestizations in contemporary societies. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 20, p. 131-151, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FIGUEREDO, C. J. O falante nativo de inglês versus o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 1, p. 67-92, 2011.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARCÍA, O.; SYLVAN, C. E. Pedagogies and practices in multilingual classrooms: singularities in pluralities. *The Modern Language Journal*, v. 95, n. 3, p. 385-400, 2011.

GARCÍA, O.; FLORES, N.; WOODLEY, H. H. Transgressing monolingualism and bilingual dualities: translanguaging pedagogies. In: YIAKOUMETTI, A. (Ed.). *Harnessing linguistic variation to improve education*. Bern: Peter Lang, p. 45-75, 2012.

GRIGOLETTO, M. Mídia e discurso sobre ensino de línguas na escola: circulação de saber e posição-sujeito para o aluno. *Eutomia*, v.1, n.9, p. 308-320, 2012.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou Do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. (Org.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, p. 33-56, 2007.

HAESBAERT, R. Del mito de la desterritorialización a la multiterritorialidad. *Cultura y representaciones sociales*, v. 8, n. 15, p. 9-42, 2013.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à mutiterritorialidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, n. 25, p. 257-277, 2005.

ZOLIN-VESZ, F. Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto: o Oriente bemaqui. *Polifonia*, v. 22, n. 31, p. 538-553, 2015.